



OS DIGGERS DE SAN FRANCISCO NOS SIXTIES: APROPRIAÇÕES DE UM MOVIMENTO INGLÊS SEISCENTISTA

Daniel Precioso¹
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Desde o século XIX, comunistas – socialistas ou anarquistas – reivindicam a paternidade das ideias e práticas políticas dos *diggers* ingleses de 1649-1652. Este artigo analisa a apropriação do pensamento de Gerrard Winstanley (1609-1676), geralmente apresentado como a principal liderança do movimento *digger*, por um grupo de atores e ativistas anarquistas da cidade de San Francisco (EUA), durante a contracultura e a emergência da Nova Esquerda na década de 1960. Procura-se demonstrar que, a exemplo dos acadêmicos marxistas, o movimento anarquista de San Francisco empreendeu uma leitura materialista do pensamento de Winstanley. Se, por um lado, os *diggers* de San Francisco, assim como os originais, defenderam a abolição da propriedade privada e a socialização dos recursos básicos de sobrevivência (comida, roupas, cuidados médicos e abrigo), por outro, as concepções anarquistas dos californianos se distanciaram da plataforma para uma república livre, escrita por Winstanley em 1652 e dedicada à Oliver Cromwell.

Palavras-chave: Movimento Digger; Apropriação; Anos 1960.

THE SAN FRANCISCO DIGGERS IN THE SIXTIES: APPROPRIATIONS OF A SEVENTEENTH CENTURY ENGLISH MOVEMENT

Abstract: Since the nineteenth century, communist – socialist or anarchist – claim paternity of political ideas and practices of the English Diggers of 1649-1652. This article analyzes the appropriation of the thought of Gerrard Winstanley (1609-1676), often presented as the main leadership of the digger movement, by a group of actors and anarchist activists from San Francisco (USA), during the counterculture and the emergence of New Left in the 1960s. We try to show that, as Marxist academics, the anarchist movement San Francisco undertook a materialistic reading of Winstanley's thought. If, on the one hand, the diggers of San Francisco, as well as the original, advocated the abolition of private property and the socialization of basic survival resources (food, clothing, medical care and shelter), on the other, anarchist conceptions of californians has distanced of the platform for a free republic, written by Winstanley in 1652 and dedicated to Oliver Cromwell.

Key-words: Digger Movement; Appropriation; Sixties.

Os denominados “*diggers*”² de San Francisco, grupo formado por atores e ativistas anarquistas, surgiram em meio ao movimento de contracultura nos Estados Unidos. Fundado no distrito Haight-Ashbury, em San Francisco, por alguns remanescentes do grupo de teatro de rua *The Mime Troupe*, os diggers implementaram diversas iniciativas que visavam abolir o dinheiro e instaurar uma comunidade livre. Além de promover peças teatrais em vários locais públicos com críticas ácidas ao *american way of life*, a agenda social dos diggers de San Francisco

¹ E-mail: daniel.precioso@gmail.com.

² Doravante, o termo será grafado sem itálico.

incluía a distribuição de roupas e alimentos gratuitamente à crescente população de jovens que se dirigia para o “Hashbury”. Seu *slogan* era “tudo é livre porque é seu”; suas palavras de ordem eram “liberte-se” e “aja” – tanto no sentido da representação teatral quanto da ação social. Embora tenham existido por apenas três anos (1966-1968), os diggers ajudaram a moldar o movimento da contracultura em San Francisco.

O nome “diggers” é uma referência aos grupos de camponeses ingleses do século XVII que, durante a breve experiência republicana que se seguiu à Guerra Civil Inglesa (1642-1649), passaram a ocupar terrenos não aproveitados, a defender uma reforma agrária espontânea e a opor-se aos poderes da sociedade e do Estado. O grupo de “pobres e despossuídos”, liderado por Gerrard Winstanley (1609-1676) e William Everard (1602-1651), assentou a sua primeira colônia, em abril de 1649, nos comunais incultos da colina St. George, na paróquia inglesa de Walton (condado de Surrey). Essa espécie de reforma agrária espontânea se contrapunha, diretamente, à política de cercamentos.³ Diante da pressão dos senhores de terra locais, os diggers foram forçados a se mudar, ainda em 1649, para a paróquia vizinha de Cobham, onde permaneceram até 1650.⁴ Entre 1648 e 1652, Winstanley escreveu diversos panfletos, nos quais esposou as suas principais ideias – tendo, inclusive, dedicado a Oliver Cromwell uma plataforma de governo para uma “*Commonwealth* (república) livre”, assentada em teorias de

³ Vistos sob essa óptica, os diggers podem ser incluídos em uma tradição comunal (ou “cultura plebéia”) mais ampla de rechaço à conversão das terras comunais em propriedades privadas, já que, desde fins do século XVI, são conhecidos registros de assentamentos em terras comunais e protestos contra as *enclosures*.

⁴ A presença dos diggers na colina de St. George incomodava os proprietários de terras das áreas circunvizinhas, que temiam a propagação das idéias de um comunismo agrário. O perigo representado pelos diggers devia-se ao fato de que eles convocavam os pobres a se organizarem, autonomamente, em torno de ações práticas. Os senhores de terras locais enfrentaram os diggers em juízo e realizaram incursões contra seus assentamentos, até que, em agosto de 1649, a colônia sofreu um golpe mortal: as plantações foram pisadas, os móveis e as cabanas incendiados e os diggers expulsos da região. De acordo com John Gurney, os diggers foram mal recebidos em Walton porque se identificavam como “levellers autênticos”, sendo confundindo pela população local com os levellers. Em Cobham, os diggers foram melhores recebidos e muitos moradores locais se incorporaram à colônia. GURNEY, J. Gerrard Winstanley and the Digger Movement in Walton and Cobham. *The Historical Journal*, Cambridge, v. 37, n. 4, p. 775-802, dez. 1994. Novas colônias diggers apareceram em Wellingborough (Northamptonshire), Cox Hall (Kent), Iver (Buckinghamshire), Barnet (Hertfordshire), Enfield (Middlesex), Dunstable (Bedfordshire), Bosworth (Leicestershire) e em outros lugares, dos quais não sabemos os nomes, de Gloucestershire e Nottinghamshire. De Nottinghamshire e Northamptonshire até Gloucestershire e Kent, a influência dos diggers difundiu-se por toda a Inglaterra central e meridional.

soberania popular. Como observou Christopher Hill, “o programa de uma reforma agrária radical fracassou juntamente com os levellers e os diggers”,⁵ mas o exemplo de Winstanley e seus seguidores ecoou séculos à frente.

Este artigo tem por finalidade discutir a apropriação⁶ de aspectos da experiência comunal e do pensamento de Winstanley pelos diggers de San Francisco nos anos 1960 – tais como, a severa crítica aos males de seu tempo, a construção de experiências sociais baseadas na concepção de auto-gestão e a tentativa de abolir a propriedade privada e instaurar um regime comunal dos recursos necessários à sobrevivência. No tocante aos diggers originais, as fontes analisadas são os panfletos de Winstanley; em relação aos californianos dos *sixties*, os *digger writings* (consultados no *The Digger Archives*) e o filme-documentário *Les Diggers de San Francisco* (1998), de Jean Pierre Zirn, Céline Deransart e Alice Gaillard.

Os diggers da Inglaterra de Cromwell e as apropriações das suas ideias e práticas

Durante o breve período republicano inglês (1649-1653), uma torrente de ideias radicais pôs à prova todas as crenças e instituições sociais.⁷ Nessa época conturbada, que se prolongou da decapitação do rei Carlos I à nomeação de Oliver Cromwell como *lord protector*, uma série de grupos – seekers, levellers, diggers (ou true levellers), ranters e quakers –, aproveitando-se da excepcional liberdade daqueles anos, procurou imprimir outros rumos à religião protestante e, no caso dos levellers e diggers, à República da Inglaterra. Embora a maior parte destes grupos tenha desaparecido ainda nos anos 1650 (com a importante exceção dos

⁵ HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeças: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 70.

⁶ De acordo com Roger Chartier, as práticas de apropriação cultural devem ser reconhecidas como formas diferenciadas de interpretação, que constroem o mundo como representação. CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 27-28.

⁷ Essa profunda reavaliação de tudo remonta ao período da guerra civil e poderia ter se constituído – nas palavras de Christopher Hill – em uma “outra revolução dentro da Revolução Inglesa”, que instauraria “um sistema comunal de propriedade e uma democracia mais ampla nas instituições legais e políticas; e poderia ter tirado da Igreja Anglicana o seu caráter oficial e repudiado a ética protestante.” HILL, C. Op. Cit., p. 31-32.

quakers), suas ideias e práticas políticas foram lembradas séculos adiante, inspirando novos movimentos e suscitando novas apropriações.

Se a memória dos levellers foi evocada pelos radicais de fins do século XVIII como parte de sua herança republicana, vestígios dos diggers quase desapareceram. A memória das colônias assentadas em comunais incultos de Walton e Cobham – nas quais os auto-designados “levellers autênticos” preparavam a terra para a sementeira, sendo, por isso, chamados de “diggers” (cavadores) – ficou adormecida até o século XIX, quando os escritos de Gerrard Winstanley foram redescobertos pelos historiadores comunistas, marxistas ou anarquistas.⁸ Desde então, a memória de Winstanley e do movimento digger têm sido frequentemente apropriada – a princípio por socialistas e anarquistas e, mais recentemente, tanto por movimentos sociais ligados à terra,⁹ quanto por ativistas ambientais, “ecosocialistas” e estudiosos dos *quakers*.¹⁰ Em Wigan, cidade natal de Winstanley, é realizado anualmente um festival para celebrar sua vida e ideias.

Os panfletos de Winstanley, publicados entre 1648 e 1652, foram reimpressos somente 130 anos após sua morte. Embora *Uma carta para o Sr. Fairfax* (junho de 1649) tenha sido reproduzida em 1808 no nono volume da *Harleian Miscellany*,¹¹ foi apenas em fins do século XIX que os marxistas alemães e

⁸ HESSAYON, A. Early Modern Communism: The Diggers and Community of Goods. **Journal for the Study of Radicalism**, East Lansing, v. 3, n. 2, p. 1-49, 2009. p. 1; HESSAYON, A. Gerrard Winstanley and Jacob Boehme. **Cromohs** (Cyber Review of Modern Historiography), Firenze, v. 18, p. 36-56, 2013. p. 39; JOHNSON, D. Winstanley's Ecology. *The English Diggers Today*. **Monthly Review**, New York, v. 65, n. 07, p. 20-31, dez. 2013.

⁹ HOWKINS, A. From Diggers to Dongas: the Land in English Radicalism, 1649-2000. **History Workshop Journal Issue**, Northants/Cary/ Tokyo, n. 54, p. 1-23, 2002.

¹⁰ Em 1965, Richard T. Vann publicou um artigo sobre a vida de Winstanley após a dissolução da colônia de Cobham. Segundo Vann, o líder dos *Diggers* teria retornado à Londres, tornado-se revendedor de milho e adepto do *quakerismo*. VANN, R. T. The Later Life of Gerrard Winstanley. **Journal of the History of Ideas**, Philadelphia, v. 26, n. 1, p. 133-136, 1965. Desde então, um grupo de historiadores tem chamado a atenção para os aspectos religiosos, místicos e milenaristas presentes nos escritos de Winstanley, assim como para a influência exercida pelos batistas, familistas e anabatistas. Cf. ALSOP, J. Gerrard Winstanley's Later Life. **Past & Present**, Oxford, n. 82, p. 73-81, fev. 1979.; HESSAYON, A. Op. Cit., 2009 e 2013. O historiador Ariel Hessayon, o mais ferrenho defensor da existência de aspectos religiosos no pensamento de Winstanley, criticou George H. Sabine pela omissão deliberada dos escritos pré-Diggers, eivados de milenarismos e mergulhados na atmosfera religiosa do período. A coletânea organizada por Sabine, na visão de Hessayon, abriu caminho para uma leitura materialista das ideias de Winstanley, que seria exacerbada por historiadores marxistas da Revolução Inglesa, como Christopher Hill. HESSAYON, A. Op. Cit., 2009.

¹¹ *Harleian Miscellany* é uma coleção de documentos pertencentes à antiga biblioteca do conde de Oxford, recolhidos e editados por Samuel Johnson e William Oldys, entre 1744 e 1753.

russos retomaram o “comunismo agrário” de Winstanley. Reconhecido pela tradição marxista como um revolucionário comunista, Winstanley teve o seu nome incluído no obelisco do Jardim Alexander, em Moscou, erguido por Lênin em homenagem a um seleto grupo de revolucionários. Após a Revolução Russa, novas reedições dos escritos de Winstanley contribuíram para a difusão de sua teoria comunista – entre as quais, as organizadas por A. S. P. Woodhouse (1938), George H. Sabine (1939), Sociedade de História da Oxford University (1944) e Christopher Hill (1944 e 1983).

Entusiasmados com o pensamento de Winstanley, difundido pela coletânea de Sabine, membros da Sociedade de História da Oxford University – tais como, Leonard Hamilton – passaram a se auto-identificar como “diggers”. Foi, contudo, o historiador marxista britânico Christopher Hill que se tornou o principal expoente da vertente socialista das ideias de Winstanley. Segundo Hill, embora Winstanley tenha, em um primeiro momento, pretendido fundar uma sociedade sem Estado, isto é, anarquista, após o fracasso da primeira colônia digger, redigiu uma plataforma para uma “república comunista”, prevendo leis para proteger a comunidade contra “a brutalidade do povo”.¹² Além disso, se os escritos pré-diggers de Winstanley possuíam fortes traços místicos e religiosos, seus escritos durante a fase digger seriam surpreendentemente materialistas,¹³ prefigurando o comunismo moderno. Por essas razões, Hill conclui que “os diggers têm algo a dizer aos socialistas de nosso século [XX]”.¹⁴

Os elementos anarquistas da filosofia de Winstanley têm sido ressaltados nos trabalhos recentes de George Woodcock. Voltando-se para a época das Reformas Religiosas, Woodcock afirma que tendências anarquistas podem ser detectadas em muitos grupos religiosos que defendiam uma ordem comunalística.

¹² HILL, C. Op. Cit., p. 142-143. Antes de Hill, Edmund Dell já havia assinalado que Winstanley ofereceu duas imagens para a sociedade comunista: anarquista e socialista. DELL, E. Gerrard Winstanley and the Diggers. **The Modern Quarterly**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 129-141, 1949. p. 138-139.

¹³ Segundo Christopher Hill, apesar da filosofia de Winstanley ter nascido de uma visão, “parece ter culminado em uma espécie de materialismo panteísta, no interior do qual Deus, ou Razão Abstrata, só pode ser conhecido no homem ou na natureza.” HILL, C. Op. Cit., p. 148-149. Se Deus está em toda a parte, e se toda matéria é Deus, então não pode haver diferença entre o sagrado e o profano: o panteísmo leva ao secularismo.

¹⁴ Christopher Hill observou que a proposta de Winstanley de um monopólio estatal sobre o comércio externo “foi uma das primeiras medidas adotadas pelo governo soviético, após a Revolução de 1917.” HILL, C. Op. Cit., p. 144.

Assim, embora as origens do anarquismo remontem às sociedades primitivas sem governo, as primeiras formas do anarquismo moderno se desenvolveram na Europa dos séculos XVI e XVII como uma filosofia social. Nesse sentido, a emergência do Estado Moderno e do “capitalismo agrário” na Inglaterra é paralela à criação de uma filosofia que se opunha fundamentalmente aos rumos tomados pela sociedade inglesa. Na visão de Woodcock, Winstanley foi um pioneiro no desenvolvimento dessa filosofia, sobretudo, em seu panfleto *A nova lei da justiça* (1649), em que detecta uma ligação íntima entre a instituição da propriedade e a falta de liberdade.¹⁵

A plataforma para uma “república livre” (1652) de Gerrard Winstanley

O primeiro panfleto digger de Winstanley intitula-se *Desfraldar o estandarte dos levellers autênticos* (1649). Porém, o líder digger viria a construir suas teorias comunistas sobre direitos naturais, apenas, em *Brilha a luz em Buckinghamshire* (1649). Em *A lei da liberdade* (1652), Winstanley foi mais além, propondo que as vendas de terras autorizadas pelo Parlamento fossem anuladas.

Como observou Christopher Hill, *A lei da liberdade* parece ter sido concebida como um projeto “dentro do possível”, dedicado a Oliver Cromwell, na esperança de ser implementado. Na dedicatória, Winstanley recorda a Cromwell que as forças parlamentares não teriam vencido a guerra civil sem a assistência dos “comuns”, que arriscaram ou perderam suas vidas no *front* bélico, pagaram os impostos para financiar os exércitos parlamentares e produziram os alimentos para sustentar os soldados. Um profundo anseio popular de recompensa pelo tempo de guerra se faz, portanto, muito presente no panfleto. Winstanley adverte à Cromwell que, quando o rei exercia o “peso” do seu poder opressor, o povo apenas sussurrava em seus aposentos privados contra ele; mas depois, passaram a pregar do alto das casas que o rei era um tirano e um traidor da Inglaterra. Reportando-se às obrigações contratuais da vitória parlamentarista, Winstanley exortava Cromwell a cumprir as suas promessas de abolir a tirania real, caso quisesse manter-se como soberano da República da Inglaterra. Winstanley queixava-se que

¹⁵ WOODCOCK, George. **Anarchism: A History of Libertarian Ideas and Movements**. Cleveland: Meridan, 1962.

os pobres continuavam oprimidos pelos impostos e pelo poder dos senhores de terras, de modo que as leis apenas mudaram de nome, de “lei do Rei” para “lei do Estado”. Na nova ordem social que se instalou após o fim da guerra civil, o povo continuou pagando todos os encargos, enquanto a *gentry* “opressora e ociosa” arrebatava o “sustento confortável da terra.”¹⁶

Segundo Winstanley, havia apenas dois caminhos a serem seguidos: o da república “livre e verdadeira”, e o monárquico, da tirania realista. Assim, Winstanley propunha uma profunda reformulação no modo de governo da República da Inglaterra, transformando-a numa “república livre”, em que todos fossem iguais perante a lei e que os funcionários do governo fossem servos do povo – e não os seus opressores. Para que o povo fosse livre, de acordo com Winstanley, era necessário que a terra fosse comunitária, permitindo a todos nutrir-se dos frutos dela retirados. Nessa perspectiva, o poder da República da Inglaterra estaria estabelecido caso Cromwell desse ao povo a sua “verdadeira liberdade”: o uso livre da terra.¹⁷ Nas palavras de Winstanley, “a restrição da terra de irmão para irmão é opressão e escravidão; mas o livre exercício da mesma é a verdadeira liberdade.”¹⁸

É interessante notar que Winstanley assenta a sua visão em bases bíblicas – mais precisamente, no Velho Testamento. Recorda que Israel conquistou as “nações” e dividiu a terra entre homens de todas as “tribos”, constituindo uma “perfeita liberdade”: a “liberdade da terra”.¹⁹ Os conquistadores normandos e os reis teriam subvertido essa condição original e harmônica, tolhendo a liberdade de acesso à terra na Inglaterra: assim como os reis, a velha e a nova *gentry* também mantiveram a “liberdade da terra” em suas mãos e nas de seus aliados (advogados

¹⁶WINSTANLEY, G. The Law of freedom in a plataform or true magistracy restored. In: SABINE, G. H. (Ed.). **The works of Gerrard Winstanley: with na appendix of documents relating to the Digger Movement**. New York: Russell & Russell, 1965. p. 507.

¹⁷ Segundo Winstanley, “a liberdade reside onde o homem recebe sua nutrição e preservação, e isso é no uso da terra.” WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 519.

¹⁸ WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 520.

¹⁹ O uso alegórico da Bíblia por Winstanley também se observa no recurso ao mito de Caim (que matou Abel) para explicar a exploração do “irmão mais novo” pelo “mais velho.” WINSTANLEY, Op.cit., p. 530. É digno de nota que foi durante um transe que Winstanley recebeu uma ordem para “publicar por toda a parte que a terra deveria ser convertida em um tesouro comum, do qual a humanidade inteira pudesse viver, sem acepção de pessoas.” Nessa “visão”, uma voz lhe disse: “Trabalhai juntos, comei juntos o nosso pão.” HILL, C. Op. Cit., p. 137.

e clero nacional). De acordo com a atmosfera protestante da época, um anticlericalismo permeia toda *A lei da liberdade*, assim como a crença de que Deus reside no interior de cada homem. O clero, segundo Winstanley, enganava o povo pela sua aparência de santidade e doutrina espiritual, persuadindo-o a aceitar seu estado de escravidão e privação da terra sob a promessa de um paraíso após a morte.²⁰ Contra a fé difundida pelo clero, Winstanley instava o povo a acreditar apenas em sua própria “razão”.²¹

A propriedade privada, instaurada pelos conquistadores e reis, estabelecia um “estado de confusão”, que visava ocultar a opressão e a falta de liberdade de seus governos.²² Para sanar essa “corrupção”, Winstanley defendeu a abolição da propriedade privada e de todo o ato de compra e venda. No entanto, sua plataforma para uma “república livre” garantia a manutenção da vida familiar (repelindo a “comunidade de mulheres”)²³ e de leis de caráter corretivo para coibir crimes e distúrbios dentro das comunidades. Segundo Hill, a manutenção das leis seria um reflexo das atitudes de *ranter*s infiltrados na colônia de Walton, que se entregavam à devassidão sexual, às bebidas, às brigas corporais e ao ócio.

De acordo com Winstanley, para que se estabelecesse a “livre e sábia ordenação da terra”, o governo deveria escorar-se no tripé: leis; ajustes oficiais; e fiel execução de todas as leis. O “verdadeiro governo” seria uma ordenação harmônica de todas as ações, dando a cada ação e coisa o seu peso e medida, impedindo, dessa maneira, a “confusão” da época da monarquia. Um governo deste tipo, segundo Winstanley, preservaria a paz: “quando uma correta ordenação de leis regra o governo, este é saudável; mas quando o desejo dos oficiais do governo está acima da lei, o governo é acometido por uma doença mortal.”²⁴ Para preservar

²⁰ O panteísmo de Winstanley levava-o a confundir o sagrado e o profano, sendo a sua plataforma um meio para restaurar a ordem natural do mundo, subvertida pela Queda do homem. “Winstanley inverteu a fórmula tradicional: não foi a Queda que deu origem à propriedade, porém a propriedade que levou à Queda do Homem.” HILL, C. Op. Cit., p 169.

²¹ Winstanley veio a utilizar a palavra “Razão”, de preferência à “Deus”.

²² “Quando a humanidade começou a comprar e vender, em seguida, caiu do estado de Inocência”. p. 511. A estratégia do Rei (“o grande anti-Cristo”) era lançar uns contra os outros por meio da compra e venda, o que lhe permitia governar e esconder a sua própria tirania, “que instaurou aquela ordem confusa.” WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 531.

²³ Winstanley salientou que “toda habitação particular não é comum.” WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 527.

²⁴ WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 528.

a paz contida nessa ordem social, os oficiais responsáveis pela aplicação da lei deveriam ser “espíritos humildes, sábios e livres de cobiça”. Diferente da monarquia, que era “o governo da corrupção”, a “República Livre da Inglaterra” deveria buscar no “povo comum” os oficiais que zelariam pelo cumprimento das leis.²⁵ Nessa “república livre” não haveria reis tiranos; nem senhores de terras, padres titulados e advogados, bastavam, apenas, leis justas, que governassem e julgassem a ação de todos. O único trabalho dos “verdadeiros magistrados” seria manter a “lei comum”, “que é a raiz do governo correto”, pois “preserva a paz para todos”.

Os “oficiais da comunidade” seriam escolhidos a cada ano, pois, na visão de Winstanley, estes se degeneram quando permanecem por muito tempo em um cargo de justiça. Os “moradores incivis” (bêbados, temerosos, ignorantes e faladores) não deveriam ser escolhidos para fiscalizar as leis, nem os saudosistas do poder monárquico, avessos à nova ordem.²⁶ Deveriam ser escolhidos para ocupar cargos oficiais: homens pacíficos e verdadeiros; com boa retórica; corajosos; avessos à cobiça; experientes na lei da liberdade e maduros (acima de 40 anos).²⁷ Esses “homens de princípio” seriam os “homens pobres”, os únicos capazes de permitir a manutenção do “estoque (ou armazém) comum”. Caberia à comunidade educar os homens segundo esses princípios –o que explica a grande importância dada por Winstanley à preparação das crianças para a vida em uma “república livre”. Ao invés do clero nacional, instaurar-se-ia uma “igreja da camaradagem”, para que “todos se unissem em Cristo.”²⁸

O movimento digger de San Francisco nos *sixties*: do teatro de rua à “vida-atuação”

Como advertiu Timothy Hodgdon, a formação dos diggers de San Francisco foi gradual. Definidos pela imprensa como uma “organização filantrópica hippie”, o movimento digger tomou forma definitiva no ano de 1966, no distrito “Hashbury”,

²⁵ Segundo Winstanley, o espírito da monarquia era o do engano e da cobiça – ou seja, “o poder e governo da besta, do deus do mundo, ou demônio.” WINSTANLEY, G. Op. Cit., p. 532.

²⁶ WINSTANLEY G. Op. Cit., p. 542.

²⁷ Ibidem. p. 543.

²⁸ Ibidem. p. 541 e 543.

pela ação e pelas ideias de alguns membros dissidentes do *The Mime Troupe* (Emmett Grogan, Peter Berg, Judy Goldhaft e Peter Coyote) e outras vinte pessoas “que procuravam um local mais amplo para politizar a sua arte teatral.”²⁹ As principais ações do movimento, ressaltadas pelos seus próprios membros, consistiram na oferta gratuita de recursos básicos de sobrevivência (comida, abrigo, roupas e cuidados médicos), oposição à força física e defesa de uma noção de transformação política baseada na revolução social.

The Mime Troupe foi um grupo de teatro de rua, fundado em 1959 pelo ator e diretor Ronald G. Davis. O grupo, que, a princípio, aplicava técnicas de mímica para performances teatrais, geralmente comédias, posteriormente, passou a improvisar “dramas politicamente conscientes”. Com o objetivo de distanciar-se do teatro “de elite”, a *troupe* oferecia performances grátis em palcos improvisados em parques da cidade de San Francisco. Além disso, o teatro de rua era uma estratégia para atingir um maior número de pessoas.

Em sua última fase, o *Mime Troupe* reviveu uma forma italiana de agitação popular do século XVI, conhecida como “Comédia da arte”.³⁰ Em 1966, a companhia teatral encenou uma paródia da peça *O Avaro*, de Jean-Baptiste Poquelin (Molière). A peça original estreou em Paris, em 1668, e o seu enredo conta a estória de Harpagão, um velho “pão-duro” que cria os seus filhos na mesquinha e desconfia de todos que o cercam.³¹ Na adaptação da peça para monólogo, realizada pelo *Mime Troupe*, um palhaço vestido como um nobre do século XVII lança ao ar notas de dinheiro e se dirige às crianças expectadoras em tom irônico: “Vocês devem ter algum dinheiro, crianças! Tenha um pouco de dinheiro; afinal, dinheiro é pra gastar!” Mais adiante, o palhaço defende a abolição do dinheiro: “Sem dinheiro! Sem ricos, não haverá pobres! Sem dívidas, não há compras de crédito!”³²

²⁹ HODGDON, T. Origins: The Diggers, the Haight-Ashbury, and Hip Identity. In: _____. **Manhood in the Age of Aquarius: Masculinity in Two Countercultural Communities**. New York: Columbia University, 2008. p. 3.

³⁰ HODGDON, T. Op. Cit., p. 3.

³¹ O protagonista de *O Avaro* guarda todo o seu dinheiro em casa e nem mesmo descansa com medo de ser roubado.

³² **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

Devido ao tom radical e às críticas ácidas ao *establishment*, muitas performances do *Mime Troupe* foram abruptamente interrompidas pela polícia, que, por vezes, deu voz de prisão aos seus atores. Em 1965, Ronald Davis introduziu o conceito de “teatro-guerrilha”, que “combinava uma insistência brechtiana na natureza política de toda a arte com a análise de Che Guevara de táticas efetivas para os revolucionários.”³³ No mesmo ano, Davis contratou um jovem escritor e diretor, Peter Berg, que passou a defender um maior poder de transformação social ao “teatro-guerrilha”, por meio do abandono do palco teatral. Para Berg, o palco separava atores – “profissionais *experts*” – do público leigo.

A tentativa de abolir a distinção entre atores e público foi estendida por Berg à própria organização do *Mime Troupe*, sob a forma de uma proposta de “horizontalização” do grupo – mais condizente com a sua concepção anarquista. Em 1966, ano em que Emmett Grogan se junta ao grupo, Berg propôs a supressão do cargo de diretor da companhia. Diante da recusa de Davis (diretor do grupo), muitos atores se demitiram e começaram “o seu próprio negócio”. Billy Murcott, ex-membro, gradualmente, articulou uma conexão entre as inovações de Berg no “teatro-guerrilha” e a confluência entre anarquismo, arte e política.³⁴ De acordo com Timothy Hodgdon, “a entidade nascente ganhou um nome quando um companheiro do grupo comentou que suas ideias se aparentavam com aquelas dos diggers da Inglaterra de Cromwell.”³⁵ Essas ideias referiam-se, basicamente, à uma sociedade livre da propriedade privada e de toda forma de coerção. O primeiro panfleto do grupo, intitulado *Deixe-me viver em um mundo puro* (1966), apresenta uma “economia inteiramente anarquista, envolvendo a abolição da propriedade privada e do dinheiro.”³⁶ Analogamente aos originais ingleses, os diggers de San Francisco entendiam que a propriedade privada criava hierarquias que roubavam dos homens a sua liberdade. Enquanto característica central do liberalismo e do capitalismo, a propriedade privada deveria, então, ser destruída.

³³ HODGDON, T. Op. Cit.

³⁴ A relação entre arte engajada e anarquismo já chamava a atenção de grupos da Haight St. Um artigo da primeira edição (de 20 de novembro de 1966) do *San Francisco Oracle* descreveu as táticas de um grupo anarquista holandês, o *Provos*, mais precisamente, como “a integração da ação política na ‘vida da arte’ ajudou a cristalizar os planos do grupo.” BROWNSON, J. *Anarchy* 66 Provo: Provos Sí, Yankee No. **San Francisco Oracle**, San Francisco, n. 1, p. 3, 20 sept. 1966.

³⁵ HODGDON, T. Op. Cit., p. 4.

³⁶ *Ibidem*. p. 12.

Devido à sua orientação anarquista, os diggers californianos tinham como interesse primordial fomentar uma decidida auto-soberania. Peter Berg, Emmett Grogan e os demais articuladores do movimento digger de San Francisco apelavam, assim, para a tradição anarquista de apropriação das ações dos diggers originais e do pensamento de Gerrard Winstanley. Como os diggers ingleses, os californianos conciliavam ações práticas (distribuição gratuita de recursos básicos de sobrevivência para a comunidade do distrito “Hashbury”) e difusão ideológica (*happenings*, “teatro-guerrilha” e panfletos impressos e distribuídos gratuitamente na Haight St.).

Em 1967, os diggers cresceram em número e se tornaram uma grande organização informal, horizontal e anônima, que convergia membros de outros grupos (às vezes, com características distintas), como os *Hells Angels*, o *Anti-War Movement* e a *Communication Company*. O último grupo foi criado por escritores (Richard Brautigan, Michael McClure e Lenore Kandel) e diggers (Emmett Grogan e Peter Berg) em 1967, ou seja, no momento em que a comunidade *hippie* do distrito Haight-Ashbury crescia vertiginosamente. O objetivo da *Communication Company* era alertar a comunidade para eventos e serviços gratuitos, passar informes sobre como evitar encontros com policiais, além de informações sobre assuntos diversos (tais como drogas, Guerra do Vietnã e ações contra o racismo).

Na tentativa de suprimir qualquer autoridade, liderança ou diferenciação, os diggers adotaram o anonimato como um dos seus princípios fundamentais. A “liberdade da fama” – como chamavam o anonimato – evitava o surgimento do egoísmo individual dos membros do grupo, impedindo, ainda, que a mídia de massa elegeesse um líder. Envolto em uma mística de anonimato, o movimento digger combinou teatro de rua, ação direta anarquista e *happenings*. Porém, como observou Timothy Hodgdon, o anonimato foi de curta duração, já que muitos quebraram o silêncio e se auto-identificaram como pertencentes ao grupo.

Na tentativa de diluir a distinção entre atuação teatral e ações sociais, Peter Berg passou a aplicar o que os diggers chamavam de “vida-atuação” (*life-acting*), um conceito radical de teatro que o grupo vinha discutindo.³⁷ O objetivo da vida-

³⁷ HODGDON, T. Op. Cit., p. 11.

atuação era criar condições para o “povo” poder reescrever o contrato social e questionar as suas suposições subjacentes. Para tanto, Grogan e Murcott escolheram a necessidade comum de comida como a primeira oportunidade para colocar esse programa em prática. O lema era “*it’s free because it’s your!*” (“é livre porque é seu!”). A comida grátis, uma das práticas mais lembradas dos diggers, tornou-se um evento razoavelmente regular, em localidade previsível. Grogan recrutou meia dúzia de mulheres jovens que se voluntariaram a cozinhar permanentemente. Dois diggers entregavam a comida no Golden Gate Park, enquanto Grogan se concentrava na procura de alimento. A comida era distribuída através de um grande quadro (sem tela) com molduras alaranjadas, que possuía um significado simbólico: “Tudo o que se coloca no interior de um quadro torna-se arte”; e “você age livremente em um quadro livre de referências”, nos explica Emmett Grogan. Se a comida grátis foi uma crítica aos objetivos do liberalismo – isto é, à concentração de recursos básicos de sobrevivência em mãos privadas – também funcionou como uma crítica sofisticada aos significados por meio dos quais as instituições liberais mantêm a sua legitimidade. Os diggers não aceitavam doações em dinheiro: tudo deveria ser doado em espécie ou, então, coletado e furtado pelos membros do grupo.³⁸

As *Free Stores* viriam a se tornar os espaços privilegiados para os projetos de “vida-atuação”, oferecendo roupas gratuitamente aos moradores do distrito Haight-Ashbury. Nessas lojas, várias roupas e adereços ficavam expostos em cabides com acesso livre. Os itens disponibilizados consistiam em um verdadeiro figurino teatral: capacetes de bombeiros, calças de equitação, cortinas de chuveiro, botas da Primeira Guerra Mundial, cassetetes, armas de brinquedo, balões cirúrgicos etc. Não se tratava, portanto, apenas de vestir-se gratuitamente, mas de trocar de figurinos e representar nas ruas, segundo a concepção de “vida-atuação”. Logo, a necessidade de vestuário e a teatralização da vida cotidiana caminhavam de mãos dadas, indo ao encontro do anseio de politizar ações triviais e atar ação

³⁸ Era o que Grogan chamava de “*ideology of failure*”, ou seja, uma ordem social anarquista que usa, exclusivamente, fontes frustradas ou roubadas. HODGDON, T. Op. Cit., p. 12-13.

social e “teatro da vida”. Como adverte um escrito digger de 1968: “Quando os materiais são livres, a imaginação torna-se moeda de espírito.”³⁹

Os diggers permaneceram ativos em San Francisco entre 1966, ano de sua criação, e 1968. Ainda no verão de 1967, os diggers se metamorfosearam no coletivo “Cidade Livre” (*Free City*), cujo propósito era a criação de territórios livres dentro dos ambientes urbanos do mundo ocidental. Estes territórios seriam compostos por “famílias livres”, tais como os diggers, os Panteras Negras, o Provos, o *Mission Rebels* e várias gangues e comunas revolucionárias. Como definiu um editorial de 1968 do *New York Times*, os diggers eram o “governo invisível de Hashbury”, provendo anônima e gratuitamente serviços básicos à “comunidade livre” daquele distrito de San Francisco. Nesse sentido, a “Cidade Livre” teria por fim ofertar uma “base de liberdade para grupos autônomos levarem a cabo os seus programas,” sem ter de se preocupar com comida, instalações de impressão, transporte, dinheiro, habitação, roupas, cuidados médicos e etc.⁴⁰

Em 1968, os membros do movimento digger se dispersaram. Muitos deixaram “Hashbury” para constituir comunidades coletivas em zonas rurais de outros estados norte-americanos – aproximando-se, assim, ainda mais da filosofia social dos diggers originais por meio da ocupação de terras não aproveitadas e da organização de comunidades livres –, enquanto outros remanescentes do grupo organizaram a *Free City News* e a *Free City Planning*. Apesar da dispersão do grupo, muitos vestígios diggers permaneceram no distrito “Hashbury”. Os últimos escritos diggers seriam impressos em 1969, mas, ainda hoje, é possível observar a existência de pontos de atendimento médico gratuito – as chamadas “*Free clinics*” – na Haight St.

O movimento digger de San Francisco e a Nova Esquerda

No documentário *Les Diggers de San Francisco*, Peter Berg afirma: “Nós fazíamos parte da Nova Esquerda. Pós-beatnik, hippie, yippie e, eventualmente,

³⁹ STREET Event – birth of haight/funeral for \$ now. **The Realist**, New York, n. 8, p. 3, aug. 1968.

⁴⁰ **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

digger.”⁴¹ Segundo Berg, os diggers teriam influenciado o desenvolvimento da Nova Esquerda, acompanhando o movimento pacifista e social que emergia: “Panteras Negras... Nova Esquerda radical... os grupos dos direitos civis... nós pensávamos que havia uma revolução em curso. Os diggers faziam parte dela [...]. Nós tínhamos uma maneira de infundir a inquietude com as mesmas idéias.”⁴² Mas em que medida o movimento digger de San Francisco se relacionou com a chamada “Nova Esquerda”?

Como observou o historiador canadense Andrew Hunt, a expressão “Nova Esquerda” não possui uma definição consensualmente aceita, embora seja de uso corrente. A origem do termo remete à divergência de opinião dentro do Partido Comunista da Grã-Bretanha, ocorrida em 1956, frente aos rumos tomados pelo regime soviético sob Stalin.⁴³ “Esses ‘novos’ esquerdistas procuraram desenvolver uma abordagem mais humanista, revisada do marxismo, como uma alternativa à ortodoxia defendida pelos soviéticos e imposta aos países sob influência de Moscou.”⁴⁴ Voltados para as teorias do socialismo libertário e anti-estadistas, os adeptos da Nova Esquerda rejeitavam qualquer forma de autoritarismo, conservadorismo e burocratização resultantes tanto do capitalismo quanto do stalinismo, procurando evitar a formação de lideranças, no sentido tradicional, hierárquico. Nos movimentos da Nova Esquerda, as decisões eram tomadas por consenso, em assembleias gerais, “a ponto de acomodar as mais diferentes tendências, de maoístas a anarquistas, de socialistas democráticos a feministas.”⁴⁵

A expressão “Nova Esquerda” se popularizou nos Estados Unidos com a publicação da *Carta à Nova Esquerda* (1960), do sociólogo norte-americano C.

⁴¹ O enquadramento dos diggers no movimento da Nova Esquerda não é consensual. Para alguns, “os diggers não eram hippies e não eram membros da Nova Esquerda; representavam uma nova força dos *sixties*. Uma cultura selvagem daquele tempo.” **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

⁴² **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

⁴³ HUNT, A. How New Was the New Left? In: MACMILLIAN, J., BUHLE, P. (Ed.). **The New Left Revisited**. Philadelphia: Temple University, 2003.

⁴⁴ SOUSA, Rodrigo Farias de. **De Port Huron aos Weathermen: Students for a Democratic Society e a nova esquerda americana, 1960-1969**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p. 13.

⁴⁵ SOUSA, R. F. Op. Cit., p. 15.

Wright Mills.⁴⁶ Na carta, Mills defendeu a criação de um novo tipo de movimento de esquerda, não mais atrelado apenas ao movimento operário e ao determinismo econômico, mas que abraçasse também os novos problemas que se notabilizavam no discurso intelectual dos anos 1950, sobretudo, as formas de opressão e alienação dos indivíduos na sociedade de massas.⁴⁷

Entre os escritos *diggers* (*digger papers*), publicados na edição de agosto de 1968 do *The Realist*,⁴⁸ o artigo “Viagem sem bilhete” (*Trip without a ticket*) aborda a questão da alienação dos cidadãos norte-americanos com a ironia ácida que caracterizava o discurso radical do movimento:

Nossas sanidades autorizadas são muito Nembutals.⁴⁹ Cidadãos “normais” com sorrisos de manequim de loja afastam-se uns dos outros como cápsulas repletas de algodão em uma garrafa. Perpétuos doentes mentais em ambulatórios. Irritantemente empregando estéreis camisas de força, amor esfregado em uma “relação funcional pessoal” insípida e arte como uma fantasia pacificadora. Todo mundo é mantido no interior, enquanto o exterior é mostrado através de janelas: publicidade e notícias cuidadas. E todos nós sabemos disso.

Quantos especiais de TV seriam necessários para estabelecer uma revolução guatemalteca? Quantas semanas de anúncio uma agência de publicidade teria para exibir na capa a imagem do Viet Cong? Lentamente, muito lentamente, somos levados a lugar nenhum. Circos de consumidores são detidos na enfermaria diariamente. Os críticos são tolerados como explodindo novidades. Poderíamos ter falado que queimar asiáticos é coisa séria. Lentamente. Mais tarde. Mas há um perigo real em, de repente, acordar um paciente sonâmbulo. E todos nós sabemos disso.⁵⁰

Os “cidadãos normais”, que comungam do *american way of life*, são apresentados como seres alienados e vazios, cujas sanidades são controladas por barbitúricos; são insípidos e vivem no interior de suas casas, alheios ao mundo exterior. A alienação pela grande mídia também é abordada ao se questionar quantos programas televisivos sobre a Revolução da Guatemala e a Guerra do

⁴⁶ A carta de Mills foi publicada no renomado periódico britânico da Nova Esquerda: *New Left Review*.

⁴⁷ MILLS, C. W. Letter to the New Left. **New Left Review**, Londres, n. 5, 1960.

⁴⁸ *The Realist* era uma revista norte-americana de “crítica social-político-religiosa e sátira”, editada e publicada por Paul Krassner. Com circulação nacional a partir de 1959, é geralmente considerada um marco da imprensa underground e da contra-cultura dos anos 1960.

⁴⁹ Barbitúrico utilizado como sedativo, hipnótico e anti-espasmódico.

⁵⁰ THE Digger Papers: Trip Without A Ticket. **The Realist**, New York, n. 8, p. 3, aug. 1968.

Vietnã seriam necessários para fazer os alienados despertarem do “sonambulismo”.

Como asseverou o sociólogo norte-americano George Katsiaficas, a Nova Esquerda se distanciava da esquerda tradicional também por abraçar como fundamentos morais os valores da “santidade da liberdade individual” e da “primazia da justiça social”. Nesse sentido, os movimentos novo-esquerdistas afirmaram uma “filosofia da subjetividade” que se opunha ao “materialismo objetivista do marxismo soviético”. Isso explica porque os diggers procuravam politizar atos triviais da vida cotidiana: comer, vestir-se e etc. Alinhados com as concepções da Nova Esquerda, os diggers não desejavam transformar a sociedade pela política, mas pela cultura. Tratava-se da formulação de uma nova cultura, por meio da qual a política também se transformaria. Embora os diggers, de orientação anarquista, se afastassem das concepções maoístas, defendiam uma “revolução cultural”. Diversos movimentos da Nova Esquerda se voltaram, em termos práticos, para o exemplo da “revolução cultural” de Mao Tse Tung (iniciada em 1966) e, em um plano teórico, para a obra de Herbert Marcuse (muitas vezes aclamado o “pai da Nova Esquerda”), que estabeleceu uma aproximação entre o marxismo e a psicanálise no clássico *Eros e a Civilização* (1955). Embora Marx constituísse o ponto de partida, o determinismo econômico era recusado pela Nova Esquerda, ao passo que “a tentativa de transformar a vida cotidiana e politizar padrões de interação tidos como óbvios” baseava-se na “crença de que as estruturas políticas e econômicas não são reproduzidas pela aceitação diária de padrões de vida pré-determinados.”⁵¹ Cumprida, portanto, empreender uma “revolução cultural”, que prescindia a tomada do poder político, bastando incentivar a adesão individual ao novo modo de vida.⁵²

De acordo com a leitura dos movimentos novo-esquerdistas,

⁵¹ KATSIAFICAS, George. **The Imagination of the New Left. A Global Analysis of 1968**. Boston: South End, 1987. p. 23-27.

⁵² Essa orientação, contudo, assumia colorações distintas entre os diferentes movimentos da Nova Esquerda. Os hippies, por exemplo, pretendiam levar a termo uma revolução cultural subjetiva e pessoal, ao passo que outros movimentos contestatórios voltavam-se para os sindicatos e os partidos, defendendo uma perspectiva de ação coletiva.

A reelaboração interior da psique e das necessidades humanas – a revolução cultural – dá a base para um novo tipo de revolução, uma que não culmina na esfera política, mas que move o reino do político do Estado para a vida cotidiana, ao transformar a noção da política como administração de cima para [a de política] como auto-gerenciamento.⁵³

Nesse sentido, ao promover um “governo invisível” no distrito Haight-Ashbury, suprindo anonimamente a “comunidade livre” com comida, habitações, imprensa, roupas e cuidados médicos grátis, os diggers criavam a possibilidade para que uma nova cultura tomasse forma. A busca de uma “cidade livre”, cujo epicentro era o distrito “Hashbury”, perpassava o estabelecimento de serviços gratuitos – coletiva e anonimamente organizados, segundo a concepção horizontal e anarquista de poder dos diggers – que garantisse uma base de liberdade para que os grupos autônomos levassem adiante os seus programas, sem ter de se preocuparem com recursos básicos de sobrevivência. Duas diretrizes deveriam caracterizar a nova cultura alardeada pelos coletivos *Free City e Free News* e pelas *Free Stores* (e, de um modo geral, pelo movimento digger): uma sociedade baseada na ajuda mútua e na auto-gestão. Pretendia-se, assim, substituir uma sociedade baseada no trabalho e na produção, incutindo nas mentes dos jovens que se dirigiam a San Francisco os princípios do mutualismo, da sociedade de partilha e do auto-gerenciamento. Como advertiu Peter Berg,

O mutualismo, a partilha, todas essas ideias são corrompidas se a única base do contrato social é o dinheiro. Nós tínhamos de passar de uma fase com dinheiro para uma sem dinheiro, sem uma etapa intermediária. A ideia revolucionária de uma sociedade de partilha deve ser introduzida. Tudo o que os diggers fizeram foi tentar criar esta perspectiva. Elevar a consciência das pessoas em direção a outros valores, que não tem nada a ver com dinheiro. Um diferente contrato social.⁵⁴

Como se vê, o ingrediente fundamental desse novo contrato social era a abolição do dinheiro. Em consonância com o *modus operandi* dos diggers, que poderíamos definir como uma ação teatral-social (práticas artístico-simbólicas), em dezembro de 1966, um ato celebrou a morte do dinheiro no distrito

⁵³ KATSIAFICAS, G. Op. Cit., p. 23-27.

⁵⁴ **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

“Hashbury”. O ato, intitulado “A procissão do enterro”, foi descrito na edição de agosto de 1968 do *The Realist*:

Três mensageiros envoltos de preto segurando equipamentos cobertos com sinais de dólar refletidos. Um corredor balança uma lanterna vermelha. Quatro portadores de nuvem, vestindo cabeças de animais, carregam um caixão preto preenchido com ampliações de dólares. Um coro canta “Saía da Minha Vida / Por que não você, *baby!*” para a Marcha Fúnebre de Chopin. Os membros da procissão distribuem moedas de dólares e velas.⁵⁵

Esse ato marcou, precisamente, o que Peter Berg chamou de “passagem ao novo contrato social”. A morte do dinheiro equivalia ao batizado de uma comunidade utópica, na qual o comunismo e a desmonetarização (e, de um modo geral, a morte do capitalismo) seriam as “pedras de toque”. Esse ato simbólico não deve ser compreendido separadamente à oferta gratuita de comida, jornais, roupas, moradias e cuidados médicos. Na verdade, essas práticas, embora fossem pragmáticas, também eram entendidas, como vimos, como artístico-simbólicas. Assim como os demais movimentos da Nova Esquerda, os diggers adotaram a concepção de acionismo, entendido enquanto “método de interação entre teoria e prática.”⁵⁶ Os “atos” caracterizavam-se pela ocupação dos espaços públicos e tinham por finalidade divulgar os ideais revolucionários e empreender a revolução cultural desejada. Por essa via, o movimento se tornaria quantitativamente maior e qualitativamente mais forte. Essa estratégia foi adotada, em San Francisco, desde os tempos do *Mime Troupe*, sendo o “teatro-guerrilha”, como afirmou Emmett Grogan, “um dos primeiros movimentos da Nova Esquerda em San Francisco.”⁵⁷

As coberturas jornalísticas da “comunidade livre de Hashbury” – tais como as da revista *Time* e do *New York Times* – descreviam e delimitavam a subcultura “como se estivessem estudando os samoanos ou os trobriandeses”⁵⁸ e

⁵⁵ STREET Event – birth of haight/funeral for \$ now. **The Realist**, New York, n. 8, p. 3, aug. 1968. Um curto registro áudio-visual do cortejo é reproduzido no documentário *Les Diggers de San Francisco*.

⁵⁶ KATSIAFICAS, G. Op. Cit., p. 27.

⁵⁷ **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

⁵⁸ Memo to the Reader. **The Realist**, New York, n. 8, aug. 1968.

caracterizavam os diggers como “padres-operários do movimento hippie.”⁵⁹ Porém, como observou Timothy Hodgdon, é preciso salientar que os diggers tinham uma posição oposta à dos hippies quanto à forma de transformação social. Para os hippies, a mudança da consciência individual se provava mais efetiva do que os esforços para organizar protestos e movimentos de massa. “A perspectiva psicodélica (dos hippies) era mística, enquanto os diggers eram anarquistas.”⁶⁰ A fundação do *Oracle*⁶¹ pelo poeta e escritor Allen Cohen oferece uma pista de como os hippies esperavam apressar o fim do milênio. O *Oracle*, seguindo as exortações de Timothy Leary, declarava que a humanidade tinha entrado em um período de rápida mudança, uma “revolução cibernética-química”.⁶²

Os diggers e o *Oracle* estavam de acordo em alguns pontos. Ambos concordavam que o abandono do *american way of life* – ou seja, viver independente do “sistema” – era um passo necessário à liberação humana, bem como que o LSD tinha a capacidade de minar a “razão iluminista do universo”. No entanto, os diggers recusavam a afirmação dos hippies de que o LSD promovia a conexão direta com o divino (espiritualismo individual). Para os diggers, as experiências com ácido não deveriam ser convertidas em uma visão de mundo mística, pois as matérias de religião, incluindo experiências místicas com drogas, deveriam ser tratadas como sendo estritamente pessoais. Desse modo, a auto-soberania anarquista dos diggers recusava qualquer tentativa de atribuir aos indivíduos uma autoridade em matéria espiritual. Ademais, na visão dos diggers, ao imputarem à Leary o *status* de líder (“guru do LSD”), os hippies cometiam os mesmos erros de Ronald Davis com o *Mime Troupe*.⁶³

Considerações finais: apropriações dos diggers originais pelos californianos

Da mesma forma que os originais ingleses, os diggers de San Francisco assumiram um radicalismo que implicava na busca da unidade entre teoria e

⁵⁹ THOMPSON, H. S. The “Hashbury” Is the Capital of the Hippies. **New York Times**, New York, may. 1967.

⁶⁰ HODGDON, T. Op. Cit., p. 9.

⁶¹ *The San Francisco Oracle* é um jornal underground, que circulou em “Hashbury” entre 1966 e 1968.

⁶² COHEN, A. Affirming Humanness. **San Francisco Oracle**, San Francisco, n. 1, p. 2, 20 sept. 1966.

⁶³ HODGDON, T. Op. Cit., p. 10-11.

prática – que, como vimos, estava bastante em voga no contexto do surgimento da Nova Esquerda nos anos 1960. Partia-se do pressuposto de que, para realizar mudanças efetivas, era necessário empreender ações sociais – por um lado, fundando comunidades livres e provendo gratuitamente os recursos básicos de sobrevivência e, por outro, lançando mão de formas de divulgação dos ideais revolucionários por meio de panfletos e da arte.

Já que qualquer apropriação de memórias envolve não apenas lembranças, mas também esquecimentos,⁶⁴ é possível identificar certas divergências dos diggers californianos para com os originais, as quais foram silenciadas pelos primeiros. A plataforma para uma “república livre”, escrita por Gerrard Winstanley e dedicada à Oliver Cromwell, demonstra o anseio de que o Estado Inglês encampasse a sua concepção societária. Os diggers de San Francisco, de modo diverso, não possuíam porta-vozes⁶⁵ e muito menos pretendiam convencer o Estado norte-americano a institucionalizar a sua sociedade libertária. A “Cidade Livre”, apregoada por Peter Berg e sua *troupe*, relacionava-se à “revolução cultural”, que se desenvolvia nos anos 1960, e, nesse sentido, afasta-se da tese de preservação dos “lares privados” e da instituição familiar, presente na plataforma de Winstanley para o governo de uma “república livre”.

A tradição interpretativa anarquista (empreendida pelo movimento digger de San Francisco), assim como a marxista, seleciona os aspectos materialistas do pensamento de Winstanley – deixando de fora os místicos e religiosos, que vêm sendo ressaltados, desde os anos 1960-70, por historiadores como Richardo T. Vann e James Alsop e, mais recentemente, por Ariel Hessayon. Diferente dos historiadores marxistas que se apropriaram da memória dos diggers da Inglaterra de Cromwell, os diggers de San Francisco, nas palavras de Peter Berg, decidiram

⁶⁴ NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1985.

⁶⁵ A existência de líderes entre os diggers originais é um tema controverso na historiografia da Revolução Inglesa. A leitura anarquista do movimento digger defendeu a adoção de uma organização horizontal, cujos indícios seriam reforçados pela existência de panfletos diggers anônimos. Nessa óptica, a consagração de Winstanley como protagonista do movimento digger dever-se-ia ao fato dele ter sido – mais do que Everard, também identificado como uma liderança do movimento inglês – um participante que deixou rastros e panfletos assinados. Uma análise da organização horizontal dos diggers originais vem sendo empreendida pela pesquisadora Lívia Bernardes Roberge em uma dissertação, ainda em andamento, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

“não ser acadêmicos, não viver num mundo a parte. Decidiram se voltar para outros movimentos (...) e outras gangues e comunidades revolucionárias.”⁶⁶

A disputa entre a tradição marxista e a anarquista pela memória de Winstanley (e dos diggers) está bem representada na comparação feita por Christopher Hill entre as ações incivilizadas dos ranters na colônia de Walton e a dos hippies, por ele definidos como “indolentes” que levam “uma vida (...) sustentada pelo trabalho dos outros.”⁶⁷ Para Hill, a manutenção de leis corretivas na “república comunista” idealizada por Winstanley aponta para a passagem de uma concepção anarquista de sociedade para uma socialista.

Referências bibliográficas

ALSOP, J. Gerrard Winstanley's Later Life. **Past & Present**, Oxford, n. 82, p. 73-81, fev. 1979.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DELL, E. Gerrard Winstanley and the Diggers. **The Modern Quarterly**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 129-141, 1949.

GAILLARD, Alice. **Les Diggers. Révolution et Countre-Culture à San Francisco (1966-1968)**. Paris: Éditions de l'Echappée, 2009.

GURNEY, J. Gerrard Winstanley and the Digger Movement in Walton and Cobham. **The Historical Journal**, Cambridge, v. 37, n. 4, p. 775-802, dez. 1994.

HESSAYON, A. Early Modern Communism: The Diggers and Community of Goods. **Journal for the Study of Radicalism**, East Lansing, v. 3, n. 2, p. 1-49, 2009.

_____. Gerrard Winstanley and Jacob Boehme. **Cromohs (Cyber Review of Modern Historiography)**, Firenze, v. 18, p. 36-56, 2013.

_____. Review of The Complete Works of Gerrard Winstanley. **Reviews in History**, Londres, n. 1043, 2011. Disponível em: <<http://www.history.ac.uk/reviews/review/1043>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeças: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640** (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶⁶ **LES DIGGERS de San Francisco**. Direção: Jean Pierre Zirn, Céline Deransart & Alice Gaillard. Paris: Story Tellers Country, 1998. 1 DVD (1:23:45).

⁶⁷ HILL, C. Op. Cit., p. 227.

- HODGDON, T. Origins: The Diggers, the Haight-Ashbury, and Hip Identity. *In: ___*. **Manhood in the Age of Aquarius: Masculinity in Two Countercultural Communities**. New York: Columbia University, 2008. p. 1-32.
- HOWKINS, A. From Diggers to Dongas: the Land in English Radicalism, 1649-2000. **History Workshop Journal Issue**, Northants/Cary/ Tokyo, n. 54, p. 1-23, 2002.
- HUNT, A. How New Was the New Left? *In: MACMILLIAN, J., BUHLE, P. (Ed.). The New Left Revisited*. Philadelphia: Temple University, 2003.
- JOHNSON, D. Winstanley's Ecology. The English Diggers Today. **Monthly Review**, New York, v. 65, n. 07, p. 20-31, dez. 2013.
- KATSIAFICAS, George. **The Imagination of the New Left. A Global Analysis of 1968**. Boston: South End, 1987.
- MILLS, C. W. Letter to the New Left. **New Left Review**, Londres, n. 5, 1960. Disponível em: <<https://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>>. Acesso em: 22 set. 2015.
- NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1985.
- SOUSA, Rodrigo Farias de. **De Port Huron aos Weathermen: Students for a Democratic Society e a nova esquerda americana, 1960-1969**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- VANN, R. T. The Later Life of Gerrard Winstanley. **Journal of the History of Ideas**, Philadelphia, v. 26, n. 1, p. 133-136, 1965.
- WINSTANLEY, G. The Law of freedom in a plataform or true magistracy restored. *In: SABINE, G. H. (Ed.). The works of Gerrard Winstanley: with na appendix of documents relating to the Digger Movement*. New York: Russell & Russell, 1965. p. 500-544.
- WOODCOCK, George. **Anarchism: A History of Libertarian Ideas and Movements**. Cleveland: Meridan, 1962.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIAS:
Rua 21 de Abril, n. 34, Bairro São Francisco,
Quirinópolis-GO, CEP: 75860-000.

Recebido: 16/04/2016
Aprovado: 28/12/2018